

"...E VOS PERSEGUIRÃO" - UMA ANÁLISE SOBRE A PERSEGUIÇÃO AOS CRISTÃOS À LUZ DE LUCAS 21:12-

19

Edilberto Busto Junior

Missionário da Missão MAIS Brasil e da Missão a A Voz Dos Mártires Portugal. Mestrando em Teologia pelo Seminário Teológico Batista Português - Portugal, bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana - FTSA e bacharel em Direito pela Universidade Metodista Bennett - RJ, Brasil.

"...E VOS PERSEGUIRÃO" - UMA ANÁLISE SOBRE A PERSEGUIÇÃO AOS CRISTÃOS À LUZ DE LUCAS 21:12-19

Resumo

Os últimos vinte anos são um recorte da História onde houve mais perseguição aos cristãos desde a Igreja Primitiva. Em todos os continentes, é possível observar o aumento da perseguição e da discriminação àqueles que professam a fé em Jesus. E esta escalada tem se oferecido de diversos modos e vem sendo perpetrada por diversos atores. Nesse sentido, as palavras de Jesus no capítulo 21 do Evangelho de Lucas nunca estiveram tão presentes na vida da Igreja de Cristo: "e vos perseguirão...". A proposta deste artigo é analisar o texto de Lucas 21:12-19 à luz da temática da perseguição religiosa. Para tanto, serão abordados alguns conceitos sobre perseguição religiosa, bem como um breve panorama de elementos sobre perseguição no Evangelho de Lucas.

Palavras-Chave: Perseguição. Igreja. Unidade. Missão.

Abstract

The last twenty years are a part of history where there has been more persecution of Christians since the Early Church. On all continents, it is possible to observe an increase in persecution and discrimination against those who profess faith in Jesus. And this escalation has been offered in different ways and has been perpetrated by different actors. In this sense, the words of Jesus in chapter 21 of the Gospel of Luke were never more present in the life of the Church of Christ: "and they will persecute you...". The purpose of this article is to analyze the text of Luke 21:12-19 in the light of the theme of religious persecution. In order to do so, some concepts about religious persecution will be addressed, as well as a brief overview of elements about persecution in the Gospel of Luke.

Keywords: Persecution. Church. Unit. Mission.

Introdução

Atualmente, mais de 360 milhões de cristãos sofrem algum tipo de oposição como resultado de professarem a sua fé. Quando os cristãos ao redor do mundo têm seus direitos negados e sofrem perseguição por escolherem seguir a Jesus, eles se tornam vulneráveis a hostilidades em diferentes esferas da vida: na vida privada, na família, comunidade, na nação e na igreja. Isso faz com que eles sejam considerados parte da Igreja Perseguida.[1]

Perseguição religiosa é um assunto delicado, mas, ao mesmo tempo, comum ao corpo de Cristo. Delicado porque, nos dias de hoje, a maior parte dos cristãos reside em um contexto estável, isto é, longe da perseguição religiosa. Esta estabilidade de parte do corpo de Cristo se dá porque, talvez, nunca experimentou ou nunca experimentará perseguição. Ao mesmo tempo, existe uma parcela de cristãos em que a perseguição faz parte do seu cotidiano, que enfrenta, no mínimo, uma instabilidade de vida pelo simples fato de serem cristãos.

Um dos maiores desafios da Igreja de Cristo é experimentar a unidade. E esta unidade precisa tanto ser experienciada em momentos de alegria, de felicidade, como também em tempos de sofrimento. Em Lucas 21:12[2], as palavras de Jesus são contundentes: “e vos perseguirão...”. Portanto, promover a unidade entre a parte estável (sem perseguição) e a parte instável (que vive sob algum nível de perseguição) é parte essencial da vida e missão da igreja, para que através deste experienciar a unidade em Cristo os irmãos perseguidos saibam que não estão sozinhos, e os que exercem a misericórdia entendam que a dor que o irmão perseguido sofre é a dor dele também. Afinal,

[1] **Lista Mundial da Perseguição 2022**. Missão Portas Abertas. <https://www.portasabertas.org.br/lista-mundial/entenda-a-perseguido-aos-cristaos>

[2] Neste artigo, todas as citações bíblicas são extraídas de ALMEIDA, João Ferreira de. Bíblia Sagrada. Edição Revista e Corrigida. São Paulo, SBB: 2009.

"Sofrimento, perseguição e martírio são realidades presentes na vida de muitos cristãos. Reconhecemos que nossa obediência missionária envolve sofrimento e que a igreja tem experimentado esta realidade. Afirmamos nosso privilégio e responsabilidade de interceder por aqueles que estão debaixo de perseguições. Somos chamados a compartilhar suas dores, proporcionar todo alívio que pudermos aos seus sofrimentos. (...) Num mundo cada vez mais injusto e violento (...) comprometemo-nos a preparar a nós mesmos e a outros para sofrer no serviço missionário e servir à igreja sofredora."[3]

Conceitos sobre perseguição religiosa

Ao fazer uma análise sobre Perseguição, nota-se que existe muita pouca atenção relativa à temática, especialmente no que se refere a uma teologia bíblica do martírio. Como consequência, existe a tendência elevada de se tirar conclusões distorcidas sobre o assunto. Alguns estudos tendem a conectar a perseguição somente a igreja primitiva, como se a perseguição estivesse presa a esta linha temporal e que atualmente não existe mais. Outros buscam conectar a perseguição somente quando existe violência seguida de morte ou martírio. [4]

De modo muito parecido, a atenção dos cristãos ocidentais sobre o tema fica limitada a eventos ou acontecimentos escatológicos. Outro pensamento muito comum aos cristãos ocidentais é que a perseguição religiosa é um acontecimento que só ocorre nos outros dois terços do mundo. Uma questão atual e que traz muita consternação é um movimento que tem nascido dentro das igrejas locais, e em sua maioria em países onde se tem estabilidade no quesito de liberdade religiosa, que qualquer coisa que acontece de negativo com um cristão, em qualquer âmbito de sua vida, é perseguição religiosa.

[3] TAYLOR, William D. **Missiologia global para o século 21**. Londrina: Descoberta, 2001. p. 18-20.

[4] TAYLOR, William D. VAN DER MEER, Antonia Leonora. REIMER, Reg. **Sangue, sofrimento e fé: a missão cristã em contextos de perseguição**. Viçosa: Ultimato, 2014.

Pensando nesta inadequada forma de pensar a perseguição religiosa e que de forma distorcida vem tomando notoriedade em ambientes sociais e acadêmicos, que em parte reflete uma incapacidade de trazer respostas adequadas ao assunto, que, por muitas das vezes, não são reconhecidas tipificações de casos concretos de perseguição religiosa. Por conta destas dificuldades, é significativo iniciar este ensaio com a definição de perseguição religiosa.

A perseguição religiosa é o ato ou prática sistemática de opressão ou assédio de um indivíduo ou grupo, maltratando-os com base na expressão de suas crenças religiosas. A missióloga Antonia van der Meer sublinha que a perseguição não ocorre somente entre membros de diferentes religiões, mas, também, dentro de uma mesma religião, entre pessoas que diverjam em questões de ortodoxia e heresia.[5]

A perseguição religiosa envolve as expressões mais prejudiciais de preconceito contra um grupo, indo além do abuso verbal e da evitação social. Refere-se a ações que pretendem privar os indivíduos de seus direitos políticos e forçar as minorias a assimilar, partir ou viver como cidadãos de segunda classe.[6]

Outra perspectiva mais ampla sobre o tema poderia ser: “Uma ação injusta de vários níveis de hostilidade, com uma ou mais motivações, direcionada a um indivíduo específico ou a um grupo específico, resultando em níveis variáveis de dano, considerados da perspectiva da vítima.”[7]

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos[8],

[5] WIENCLAW, R. A. **Religion and Society: Religious Persecution**. Salem Press Encyclopedia, 2019.

[6] SMITH, D. T. **Religious persecution and Political Order in the United States**. New York, NY: Cambridge University Press, 2015.

[7] TIESZEN, C.L. **Re examining religious persecution: Constructing a theological framework for understanding persecution**. Kempton Park: AcadSA Publishing/Bonn: VKW, 2008, p. 17 (tradução nossa).

[8] A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), que delinea os direitos humanos básicos, foi adotada pela Organização das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Foi esboçada principalmente pelo canadense John Peters Humphrey, contando também, com a ajuda de várias pessoas de todo o mundo.

“Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos.”[9]

O ponto de partida é o Artigo 18 do mais respeitável documento que as nações modernas procuram para se orientarem – a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, um dos documentos basilares da Organização das Nações Unidas. Surgido do lamentável resultado da Segunda Guerra Mundial, esse famoso documento tentou estabelecer padrões universalmente aceitáveis para os governos de como tratar o povo com justiça. O Artigo 18 foi o parágrafo que tratou da religião, e a seguir há uma versão expandida do artigo no Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos, de 1966 (que entrou em vigor em 1976).[10]

Nesse documento, nunca é mencionada a palavra perseguição. Ela não aparece em nenhum dos Pactos das Nações Unidas, e, em geral, representantes da comunidade de direitos humanos usam o termo com relutância, preferindo, em vez disso, falar em "violações da liberdade religiosa". O aspecto emotivo do termo perseguição sempre gera mais calor do que luz, por isso a palavra é raramente usada. Não obstante, na posição de discernir o conteúdo da perseguição, a discussão está claramente presa à noção de liberdade religiosa; somente a questão de intensidade é deixada sem solução. No sentido amplo, então, pode-se dizer que uma pessoa é perseguida se for despojada de qualquer dos elementos fundamentais da liberdade religiosa. Mas alguns preferem reservar a palavra perseguição para privações severas da liberdade religiosa.

Esta é, em poucas palavras, a grande contribuição do Artigo 18. Ao focar os direitos legais, ele dá a definição mais ampla possível de perseguição, de martírio, numa ponta, e da discriminação e da difamação, na outra.

[9] ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948, artigo 18.

[10] BOYD-MACMILLAN, R. **Faith that endures**: The essential guide to the persecuted church, Grand Rapids: Revell, 2006. p. 110 - 114.

Ele tenta fornecer um padrão universal que capacite a localização e a erradicação da perseguição, independentemente do país ou da cultura.

Todavia, em diversas nações, professar e praticar a fé cristã são práticas indesejáveis ou, até mesmo, ilegais, e cristãos, ao redor do mundo, vem sofrendo discriminação e perseguição seja nas mãos do Estado como de outros atores sociais motivados por sentimentos como antipatia, intolerância ou ódio, tendo como manifestações últimas atos de tortura e violência, que, não incomum, levam à morte.

Essa configuração é complexa e se expressa de forma heterogênea em cada grupo social, mesmo em um único país, como no caso de nações africanas com a presença de centenas de tribos e etnias. Há ainda que se considerar que esses cristãos perseguidos muitas vezes estão expostos a uma dupla vulnerabilidade, pois também sofrem, como cidadãos comuns, as mazelas nacionais. A perseguição religiosa não é vivenciada exclusivamente por cristãos. Existem diversos grupos religiosos que sofrem com as ações supramencionadas, como por exemplo, muçulmanos Ahmadi perseguidos por muçulmanos ortodoxos no Paquistão, muçulmanos rohingya perseguidos por budistas em Mianmar e hindus perseguidos por muçulmanos em Bangladesh. Por isso, é necessário entender que apenas uma identidade religiosa não necessariamente seja o único fator determinante para se tipificar a perseguição relacionada ao caso. Como sugere Marshall[11], “um ponto de demarcação possível da perseguição religiosa é perguntar se, no caso das pessoas terem outras crenças religiosas, [...] teriam ainda sido tratadas da mesma forma. Se a resposta for assim, é provável que não devêssemos chamar especificamente de perseguição religiosa”.

[11] MARSHALL, P. **Persecution of Christians in the contemporary world**. In: International Bulletin of Missionary Research, 1998. p.7.

É interessante, e no mínimo consciente, que são raras as vezes que a religião ou outra qualquer motivação seja a única envolvida, pois vários fatores, de forma geral, são sobrepostos. E somente este entendimento poderia gerar a pergunta sobre o que, então, distinguiria outros casos em relação à perseguição religiosa? A resposta seria a primazia da natureza persecutória como fator determinante.

Para um entendimento mais completo sobre a causa da igreja perseguida será necessário também analisar teologicamente esta realidade. Como se está a falar sobre perseguição religiosa aos cristãos, é importante entender quem são estes cristãos, pois existem cristãos de vários espectros ou matrizes diferentes.

O que se deve levar em consideração é o significado abrangente do que quer dizer “cristão”, e isso é importante porque estabelece uma relação direta com a definição que está a ser desenvolvida. Nas palavras de Tierszen “a ausência relativa do compromisso cristão não deveria desqualificar uma experiência de perseguição religiosa, nem a presença de um grande compromisso deveria, necessariamente, glorificá-la ou substância-la.”[12] Por isso a importância de uma definição teológica da perseguição religiosa, o que torna possível uma perspectiva que definições sociopolíticas não alcançam.

Elementos sobre a perseguição no evangelho de Lucas

Mais do que qualquer outro autor dos Evangelhos, Lucas enfatizou a fé verdadeira com a consciência do custo que isso representa. Um discípulo deve reconhecer que para entrar em uma vida de discipulado com Jesus deve abdicar de todas as outras lealdades, dando uma absoluta lealdade a Ele.

[12] BARRETT, D. B., KURIAN G. T.; JOHNSON, T. M. **World Christian Encyclopedia**. 2. ed. Nairóbi: Oxford University Press, 2001. p. 651, 655, 662.

Este é o centro da fé em Jesus. Para segui-lo, o que implica participação na *missio Dei*, tem que estar disposto a sacrificar-se por Deus e pelo próximo, ao andar no caminho seguindo as pegadas de seu Mestre.[13]

O Evangelho de Lucas apresenta um contexto para uma adequada compreensão sobre a perseguição, que inclusive pode ser apresentado como um protótipo para o que viveu a Igreja, em sua recente formação, no livro de Atos dos Apóstolos. Inclusive é possível identificar a perseguição direcionada a algumas pessoas como Jesus, os discípulos e aos profetas do Antigo Testamento.

E esta perseguição esteve, em primeiro lugar e em maior medida, direcionada a Jesus. Uma referência sobre esta perseguição foi feita por Simeão quando Jesus foi apresentado no templo, poucos dias após o seu nascimento em Lucas 2:34: “E Simeão os abençoou e disse à Maria, sua mãe: Eis que este é posto para queda e elevação de muitos em Israel e para sinal que é contraditado.” Lucas registrou com muito cuidado que Jesus foi uma vítima inocente, morto por quem era opositor de seus ensinamentos e por quem ele se apresentava ser. É neste sentido que Jesus assumiu a cruz como um “preço inevitável da missão de Deus. Como aquele que carregou a cruz nos disse que tomássemos nossas próprias cruzes para segui-lo, há um custo inevitável para quem se identifica com a missão sofredora do Deus.[14]

Assim, a perseguição também foi direcionada aos discípulos de Jesus. E isto estava implícito nas instruções que Jesus os fornece quando os envia como seus mensageiros (9:5; 10:3; 10:8-16), a atenção basilar sobre a perseguição direcionada aos discípulos era futura. Era de se esperar que seriam perseguidos e ao mesmo tempo deveriam se alegrar, pois através dos seus sofrimentos continha a prova que a recompensa deste sofrimento seria grande nos céus (6:23).

[13] WILKINS, M. J. **In the Dictionary of Jesus and the Gospel**. ed. Joel B. Green, Scot McKnight, I. Howard Marshall. InterVarsity Press, 1992, p.185

[14] WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da Igreja**. São Paulo, Vida Nova, 2012, p. 289.

Era também a evidência que eram verdadeiros mensageiros de Deus, num claro contraste com os falsos profetas.

E por último, os profetas do Antigo Testamento, mensageiros de Deus do passado, eram constantemente discriminados, perseguidos e objeto de sofrimento por parte de Israel (4:24; 13:34). “Eram considerados exemplos de perseguição para os sofrimentos de Jesus (4:24-30; 13:33-34; 20:9-19), da mesma maneira eram exemplos para os discípulos (6:22-23; 11:49). Quem desprezava Jesus e aos seus discípulos seguiam um padrão idêntico que fora estabelecido por quem desprezava os profetas.”[15]

A perseguição como consequência integral do seguimento de Jesus

O Evangelho de Lucas, ainda mais em específico os textos que falam sobre o tema da perseguição, evidencia com clareza que a perseguição faz parte do plano de Deus. Desde a profecia de Simeão, em 2:34, até a conclusão do Evangelho, em 24:44-49, a perseguição e a morte de Jesus aconteceram sem que Deus perdesse o controle da história. Ao perceber que a perseguição faz parte dos planos de Deus, o leitor recebe a segurança de que as profecias que Jesus fez sobre os seus discípulos e o ensinamento que, de igual maneira, seriam perseguidos se reconhecem como parte desta unidade do corpo de Cristo e evidenciam que estão dentro da vontade e dos planos de Deus.[16] Portanto, além de ser um plano de Deus, a perseguição e o sofrimento fazem parte da missão de Deus. Como ressalta Chris Wright, “está claro é que o sofrimento é parte integrante da vida das multidões de pessoas na Bíblia que foram fiéis ao chamado de Deus e à sua missão.”[17]

[15] CUNNINGHAM, Scott. **Through Many Tribulations:** The Theology of Persecution in Luke-Acts. Sheffield Academic Press, 1997. p.179.

[16] PENNER, G. N. **In the Shadow of the Cross:** A Biblical Theology of Persecution and Discipleship. Living Sacrifice Books, 2004. p. 164 - 169.

[17] WRIGHT, 2012, p. 287.

Andrew Walls reforça esta ideia ao afirmar que “... jamais existiu uma sociedade, seja no Oriente ou no Ocidente, no passado ou no presente, que pudesse absorver a Palavra de Cristo em seu sistema sem que isso produzisse sofrimento”.[18] Portanto, o elemento do sofrimento dos cristãos perseguidos é mais que evidente, mas não se deve negligenciar a relação do sofrimento sentido do servo de Deus no mundo com o sofrimento de Deus.

“Nossa missão como povo de Deus é a nossa participação na missão de Deus; portanto, o sofrimento do povo de Deus na missão é uma participação no sofrimento de Deus na missão. A missão de Deus é a determinação de Deus, ao longo de toda a narrativa bíblica, para trazer a redenção de toda a criação a partir da destruição do pecado e do mal.”[19]

A pregação de Jesus encontrada no texto de Lucas é um ponto de referência para a compreensão da oposição, perseguição e martírio no contexto da evangelização global. Neste texto, Jesus fala livre e abertamente sobre este argumento. Ele queria se certificar de que seus primeiros discípulos, e todos os seus futuros mensageiros, soubessem o que teriam de enfrentar ao prosseguirem. Por isso, essa orientação detalhada serve como um quadro geral da oposição que se levanta contra todos os pregadores do evangelho.

Introduzindo o contexto de Lucas 21:12-19, Jesus informa que a perseguição tem diferentes consequências, sendo o martírio a mais extrema possibilidade. O Senhor usou algumas frases para descrever as crescentes hostilidades que podem fazer parte da perseguição. Ele começa com a forma menos severa de hostilidade e depois vai intensificando as ações até chegar à mais grave experiência. Cristo declara que seus discípulos deveriam estar preparados. E essas são as frases: “lançarão mão de vós”, “vos perseguirão”, “entregando-vos às sinagogas”, “às prisões”, “conduzindo-vos à presença de reis e governadores”, “E até pelos pais, e irmãos, e parentes, e amigos sereis entregues”, “matarão alguns de vós” e “E de todos sereis odiados”.

[18] WALLS, Andrew. **The Missionary movement in Christian History**. Maryknoll: Orbis Book, 1996, p.8 (tradução nossa).

[19] WRIGHT, 2012, p. 289.

Perder a vida como resultado da hostilidade humana num contexto de testemunho é uma experiência final de hostilidade. Então, é possível que as pessoas possam se sentir tentadas a desistir de servir a Deus por causa da possibilidade de experimentar a pior tribulação, como por exemplo a morte. Neste aspecto, René Padilla faz um importante alerta:

"Hoje em dia é difícil aceitar que o sofrimento é um elemento essencial da missão. (...) Cada vez que a igreja evita o sofrimento, se coloca acima de seu Senhor. Perde sua essência e sua missão. (...) Uma igreja sem cruz é uma igreja sem Cristo, já que o único Cristo que o Novo Testamento conhece é o Messias crucificado, o poder e a sabedoria de Deus. (...) Aceitar a Cristo é adotar a prática profética de Jesus, é tomar para si seu compromisso com o reino de Deus e sua justiça, é dispor-se a seguir seu caminho e vivenciar a 'comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte' (Fp 3.10). Em outras palavras, é compartilhar sua missão e seu sofrimento. Visto que ele é o Rei-Servo, a única vitória que nos promete é a que se alcança pelo caminho da cruz, pela graça de Deus." [20]

O martírio não é uma coisa que se espere ou que se esteja pronto a aceitar. É uma experiência que Deus, em sua providência, confere a determinados indivíduos com propósitos que só ele conhece. No entanto, a morte prematura de um seguidor de Cristo como resultado da hostilidade humana tem um impacto duradouro nos outros crentes.

Ela faz com que a maioria deles pare e reflita uma vez mais sobre o custo supremo do discipulado e compele muitas pessoas a questionar se elas correspondem a esse padrão de devoção a Cristo e a sua causa. Ela motiva outras pessoas a abrir mão de seus planos e ambições egoístas e a se dedicar ao serviço de Cristo em lugares áridos e difíceis. Cria um fundamento para a igreja a partir do qual se mede seu valor - se suas atividades são significativas e verdadeiramente importantes em face da morte e da eternidade. [21]

[20] PADILLA, René. **O que é missão integral?** Viçosa: Ultimato, 2009, p. 111-114.

[21] TAYLOR, William D. VAN DER MEER, Antonia Leonora. REIMER, Reg., 2014. p. 98.

Jesus não queria que seus discípulos fossem pegos de surpresa ou ignorassem as fontes de onde a perseguição viria. Ele descreve quatro fontes específicas sobre as quais os discípulos precisam estar atentos e manter a prudência: a comunidade (“e lançarão mão de vós”, v. 12); a nação (“levando-vos à presença de reis e governadores”, v. 12); os líderes religiosos (“entregando-vos às sinagogas”, v. 12) e mesmo aqueles que lhes são mais queridos, isto é, os membros da sua própria família (“E até pelos pais, e irmãos, e parentes, e amigos sereis entregues”, v. 16). Na sua presciência a respeito do contexto da partilha do Evangelho a todas as etnias, Jesus alerta que, na verdade, não existe porto seguro ou refúgio dentro da sociedade e que nenhum nível de autoridade em uma comunidade pode ser considerado isento de potencial para oprimir.

Breves considerações hermenêuticas em Lucas 21:12-19

A frase “Antes de todas essas coisas”, no v. 12a, pode ter sentidos distintos. É possível que se tenha em mente uma prioridade em termos de importância, como um “sobretudo”; ou seja, as citadas perseguições podem ser consideradas o mais importante.

No entanto, provavelmente é mais natural relacionar as palavras cronologicamente com o tempo antes do retorno do Senhor. O Senhor chama a atenção dos discípulos para o fato de que eles serão atacados por perseguições antes que ele volte.

A igreja de Cristo já suportou tais sofrimentos logo nos primórdios em Jerusalém (At 4.3; 5.18,26s; 6.12; 8.3; 9.2; 12.1ss). Os perseguidores lançarão mão deles. Ser arrastado para as sinagogas e ser açoitado ainda está entre os sofrimentos menores (Mt 10.17). Diante deles está uma luta ainda mais árdua, em que serão conduzidos diante de reis e governadores para dar testemunho da fé (Mt 10.18). O pior espera por eles quando pais, familiares e amigos os delatam e matam. Nesse tempo de aflição eles podem alegrar-se com um tríplice consolo.

- Tudo lhes acontecerá por causa do nome do Senhor (At 5.41).
- Isso redundará em lucro para eles.
- Durante os duros processos judiciais eles experimentarão o apoio do Senhor. – As palavras “isso lhes acontecerá como testemunho” significam: “Terá um desfecho favorável para eles no tribunal”. Serão considerados inocentes quando forem submetidos a autoridades gentias por amor ao nome de Jesus ou porque pregam a Cristo, sob a acusação de crime contra o Estado. Por essa razão tampouco devem preocupar-se ou refletir sobre como se justificarão perante os tribunais. A expressão “boca e sabedoria” significa: “O Senhor lhes concede a capacidade de falar e o conteúdo apropriado do discurso” (Lc 12.11s; Mt 10.19s).

Os antagonistas sentirão como dificuldade a sua resistência perseverante, como foi atestado diversas vezes em Atos dos Apóstolos (At 6.10; 7.51; 13.8-10). Os discípulos não serão perseguidos somente pelos inimigos de Cristo, mas mesmo os familiares mais próximos os entregarão aos tribunais e matarão alguns deles. Essas declarações de Jesus não valem apenas para os apóstolos, mas para os fiéis de todos os tempos. Mas nem todos sofreriam a morte pelo martírio.

Os ouvintes do Senhor que registraram esse prenúncio seriam somente as primícias de uma multidão incontável de mártires que morreriam em prol da causa do Senhor ao longo dos séculos. A menção de que os discípulos serão odiados por todos em virtude do nome de Jesus é confirmada por diversas provas nas cartas apostólicas (Rm 8.35-37; 1Co 4.9s; 2Co 11.23-29; Hb 10.32-34). O cumprimento preciso dessa palavra já podia ser percebido nos primeiros tempos da igreja. Os três evangelhos sinóticos e também João (Jo 15.20s) gravaram profundamente a lembrança do ódio generalizado. Igualmente recorda-se aqui os perigos que obrigaram os primeiros cristãos a fugir.

Não se deve ignorar que esse ódio se avoluma cada vez mais, à medida que a história da evolução do reino de Deus se encaminha rapidamente para o fim. A promessa de que nenhum cabelo de sua cabeça será perdido recebe diversas interpretações neste contexto. Como antes foi dito que alguns dos discípulos seriam mortos, essa asserção não pode significar que “... saireis ilesos no corpo e na vida”. Não é correto pensar em uma preservação ileso da igreja. Pelo contrário, a expressão proverbial visa declarar que sua vida verdadeira e eterna não sofrerá o menor dano.

Ainda que Jesus não garanta a sobrevivência dos discípulos em toda e qualquer circunstância (Lc 12.7; Mt 10.30), eles, não obstante, permanecem na terra o tempo que for preciso para o serviço do Senhor. Até mesmo sua morte redundará em salvação e glorificação de Cristo (Fp 1.20). A promessa dada aqui é explicitada pela frase subsequente: “Em vossa perseverança ganhareis a vossa alma!”, ou, obtereis vossa vida eterna. Essas palavras são o outro lado da promessa de que nenhum cabelo lhes seria danificado (At 27.34). Nada daquilo que faz parte da consistência da vida eterna será perdido. Os discípulos deverão obter sua alma (ou vida eterna) pela persistência diante de todas as perseguições. Trata-se da mesma promessa de Mt 24.13 e Ap 2.10, enquanto a compreensão, segundo a tradução usual, de munir as almas com paciência (Hb 10.36) não corresponde precisamente ao teor do versículo.[22]

Considerações finais

Seguir a Jesus pode ter um custo muito alto para um discípulo, e isso fica claro no capítulo 21 de Lucas. Segundo David Sills, “os perigos são reais, mas eles apenas revelam que homens e mulheres precisam de Cristo. O sofrimento e a morte de missionários impulsionam o reino mais do que qualquer outra coisa, e o sangue dos santos tem sempre sido semente e combustível para o avanço do Evangelho”. [23]

[22] RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Lucas**: comentário. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2005. p. 273 - 274.

[23] SILLS, D. **The missionary call**. Chicago: Moody Publishers, 2008. p. 87.

Algumas ações de perseguidores ridicularizam e discriminam cristãos, mas não são alcançadas pelas definições de perseguição, sendo apenas alcançadas pelo conceito teológico. Isso significa que, se nesta compreensão teológica não é exigida uma reação da comunidade internacional, entra em cena a resposta da Igreja, não como retaliação aos perseguidores, mas como uma reação no cuidado às vítimas cristãs exercendo a forma bíblica de unidade da igreja. Sem esquecer que Deus tem sofrido também por causa do sofrimento do seu povo. Como participantes da missão de Deus também devemos entender que nosso sofrimento na missão também é o sofrimento de Deus na missão.

Caminhar com as irmãs e os irmãos perseguidos é saber que a perseguição pode ser intensa e frequente para muitos ou leve e rara para outros, num contexto da expectativa e escala teológicas. E é urgente cuidar de forma integral e contextual da Igreja Perseguida, agindo com o objetivo de empoderá-la e fazê-la resiliente, mas também ter a sensibilidade de agir para resgatá-la se assim for necessário.

Referências

- ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**. Edição Revista e Corrigida. São Paulo, SBB: 2009.
- BARRETT, D. B., KURIAN G. T.; JOHNSON, T. M. **World Christian Encyclopedia**. 2. ed. Nairóbi: Oxford University Press, 2001.
- BOYD-MACMILLAN, R. **Faith that endures**: The essential guide to the persecuted church, Grand Rapids: Revell, 2006.
- CUNNINGHAM, Scott. **Through Many Tribulations**: The Theology of Persecution in Luke-Acts. Sheffield Academic Press, 1997.
- Lista Mundial da Perseguição 2022. Missão Portas Abertas. Disponível em: <https://www.portasabertas.org.br/lista-mundial/entenda-a-perseguiacao-aos-cristaos>. Acesso em 20 jan. 2023.
- MARSHALL, P. **Persecution of Christians in the contemporary world**. In: International Bulletin of Missionary Research, 1998.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948.
- PADILLA, René. **O que é missão integral?** Viçosa: Ultimato, 2009.
- PENNER, G. N. **In the Shadow of the Cross**: A Biblical Theology of Persecution and Discipleship. Living Sacrifice Books, 2004.
- RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Lucas**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2005.

SILLS, D. **The missionary call**. Chicago: Moody Publishers, 2008.

SMITH, D. T. **Religious persecution and Political Order in the United States**. New York, NY: Cambridge University Press, 2015.

TAYLOR, William D. **Missiologia global para o século 21**. Londrina: Descoberta, 2001.

TAYLOR, William D. VAN DER MEER, Antonia Leonora. REIMER, Reg. **Sangue, sofrimento e fé: a missão cristã em contextos de perseguição**. Viçosa: Ultimato, 2014.

TIESZEN, C.L. **Re examining religious persecution: Constructing a theological framework for understanding persecution**. Kempton Park: AcadSA Publishing/Bonn: VKW, 2008.

WALLS, Andrew. **The Missionary movement in Christian History**. Maryknoll: Orbis Book, 1996.

WILKINS, M. J. **In the Dictionary of Jesus and the Gospel**. ed. Joel B. Green, Scot McKnight, I. Howard Marshall. InterVarsity Press, 1992.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da Igreja**. São Paulo, Vida Nova, 2012.

Texto recebido em 25.01.2023 e aprovado em 30.01.2023